

DO COTIDIANO À PRÁTICA DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE BASE

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-222>

Data de submissão: 14/04/2025

Data de publicação: 14/05/2025

Ana Vitória Dias Lima

Autor Principal. Mestranda em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Pará.
E-mail: vituria7@gmail.com

Andreluza de Fátima da Silva Pombo

Coautor. Mestrando em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Pará.
E-mail: andreluza42@gmail.com

Andreia Pacheco de Almeida

Coautor. Mestrando em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Pará.
E-mail: andreia.p.almeida2025@gmail.com

Andrei Odilon Freitas Cunha

Coautor. Mestrando em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Pará.
E-mail: andreiodilon93@gmail.com

Cindy Isabelle Hage Pantoja

Coautor. Mestrando em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Pará.
E-mail: cursoderedacaoprofcindyhage@gmail.com

Zuziane Ferreira da Rocha

Coautor. Mestrando em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Pará.
E-mail: zuzianerocha2@gmail.com

Elizete Ferreira Moraes Barbosa

Coautor. Mestrando em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Pará.
E-mail: prof.elizetemoraes@gmail.com

Samuel Pereira Campos

Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas.
E-mail: samucampos67@gmail.com

RESUMO

O presente artigo analisa as múltiplas dimensões do letramento na educação básica, com ênfase na prática docente e na integração das experiências cotidianas dos alunos ao processo de ensino-

aprendizagem. Fundamentado em uma abordagem qualitativa e bibliográfica sistemática, o estudo parte da concepção de linguagem como prática social, conforme Moita Lopes (2006), para compreender o letramento como fenômeno dinâmico, situado e atravessado por questões socioculturais, ideológicas e políticas. A partir da análise de obras de referência como Soares (1998), Freire (1987), Kleiman (1995) e Street (2014), identificam-se categorias centrais como: letramento como prática social e crítica; mediação docente e construção de sentidos; desafios frente à diversidade; e impacto das políticas públicas. Os resultados apontam para a urgência de práticas pedagógicas contextualizadas, capazes de articular os saberes escolares e os conhecimentos vividos pelos alunos. Conclui-se que o letramento, entendido como direito de cidadania, demanda uma atuação docente crítica, dialógica e sensível às realidades dos estudantes, reafirmando o papel transformador da escola na formação de sujeitos críticos e participativos.

Palavras-chave: Letramento. Prática Docente. Educação Básica.

1 INTRODUÇÃO

A educação básica desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e participativos, sendo o letramento uma das competências essenciais nesse processo. Compreendido como a capacidade de utilizar a leitura e a escrita em contextos sociais diversos, o letramento vai além da mera decodificação de símbolos, envolvendo a compreensão e a produção de sentidos. Nesse cenário, a prática docente torna-se um elemento central, pois é por meio dela que se concretizam as políticas educacionais e se promovem as interações que possibilitam o desenvolvimento pleno dos alunos.

Diversas pesquisas têm abordado a importância do letramento na educação básica, destacando a necessidade de práticas pedagógicas que integrem as experiências cotidianas dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Estudos como os de Soares (2004) e Kleiman (1995) enfatizam a relevância de considerar as práticas sociais de leitura e escrita no contexto escolar, promovendo uma educação mais significativa e contextualizada. Além disso, pesquisas recentes apontam para a necessidade de formação continuada dos professores, visando à atualização e ao aprimoramento de suas práticas pedagógicas no que tange ao letramento.

Apesar dos avanços teóricos e das diretrizes curriculares que valorizam o letramento, observa-se que, na prática, ainda há desafios significativos a serem superados. Muitas vezes, as atividades de leitura e escrita são desenvolvidas de forma descontextualizada, sem considerar as vivências e os conhecimentos prévios dos alunos. Essa lacuna entre teoria e prática evidencia a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre as estratégias pedagógicas adotadas pelos docentes, especialmente nos anos iniciais da educação básica.

Diante desse cenário, surgem questionamentos pertinentes: como os professores podem integrar as experiências cotidianas dos alunos às práticas de letramento? Quais estratégias pedagógicas são mais eficazes para promover um letramento significativo e contextualizado? De que maneira a formação docente pode contribuir para a superação dos desafios enfrentados na implementação de práticas letradas na sala de aula? Essas questões norteiam a presente pesquisa, que busca compreender as interações entre o cotidiano dos alunos e a prática docente no processo de letramento.

Este estudo insere-se na tradição de pesquisas que valorizam a prática docente como elemento central na promoção do letramento na educação básica. Ao considerar as experiências cotidianas dos alunos como ponto de partida para o desenvolvimento de competências leitoras e escritoras, pretende-se contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e significativas. Além disso, busca-se dialogar com os estudos existentes, ampliando a compreensão sobre os desafios e as possibilidades do letramento no contexto escolar.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar como as práticas docentes podem ser aprimoradas para integrar o cotidiano dos alunos ao processo de letramento, promovendo uma educação mais contextualizada e significativa. Para isso, serão examinadas experiências pedagógicas que evidenciem essa integração, bem como as percepções dos professores sobre os desafios e as estratégias adotadas. Espera-se que os resultados obtidos possam contribuir para a reflexão e o aprimoramento das práticas docentes, fortalecendo o papel da escola na formação de cidadãos letrados e críticos.

2 MÚLTIPAS DIMENSÕES DO LETRAMENTO NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

O conceito de letramento é essencial para compreender os processos de ensino-aprendizagem na contemporaneidade, sobretudo por seu vínculo intrínseco com práticas sociais, culturais e políticas. Longe de ser apenas um processo técnico de codificação e decodificação da linguagem escrita, o letramento envolve formas de agir no mundo, interpretar realidades e participar ativamente da sociedade (SOARES, 1998). A diferença entre alfabetização e letramento, embora muitas vezes negligenciada, é fundamental. Enquanto a alfabetização está relacionada ao domínio do sistema de escrita, o letramento refere-se às práticas sociais mediadas pela linguagem escrita e às habilidades necessárias para interagir criticamente com os textos no cotidiano.

Nesse sentido, é importante destacar que segundo Kleiman (1995) o letramento é uma construção contínua e situada. Ele ocorre nas múltiplas esferas da vida social, desde o ambiente doméstico até o escolar, sendo marcado pelas especificidades culturais e linguísticas dos contextos em que os sujeitos estão inseridos.

A perspectiva de letramento crítico proposta por autores como Paulo Freire desloca o foco da simples apropriação da linguagem para o engajamento com os sentidos do texto e suas implicações na transformação social (Freire, 1987). Para Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Brian Street, ao propor o modelo ideológico de letramento, contribui significativamente para essa discussão ao enfatizar que todas as formas de letramento são impregnadas de valores, ideologias e relações de poder. Portanto, ensinar e aprender a ler e escrever envolve sempre questões sociais e políticas (Street, 2014).

Nesse contexto, a escola tem papel central na formação de sujeitos críticos e participativos. A educação formal não deve se limitar à transmissão de conteúdos descontextualizados, mas precisa considerar os conhecimentos prévios dos alunos, suas experiências e seus repertórios culturais (Soares, 1998).

O letramento escolar, quando vinculado a práticas sociais autênticas, permite que o aluno veja sentido no que aprende e se reconheça como produtor de saberes. Isso exige uma abordagem pedagógica que valorize a linguagem como prática social (Kleiman, 1995).

Ao ignorar essas dimensões, a escola tende a reforçar a exclusão e o fracasso escolar, principalmente entre os alunos das camadas populares. A superação desse quadro exige uma prática pedagógica que vá além da técnica e dialogue com as realidades vividas pelos estudantes (Street, 2014).

Ademais, a cultura escrita deve ser compreendida como algo dinâmico e plural. Cada grupo social desenvolve maneiras próprias de se relacionar com a escrita, o que reforça a importância de uma pedagogia sensível à diversidade e à multiplicidade de letramentos (Freire, 1987).

Assim, o professor precisa assumir o papel de mediador cultural, promovendo situações de aprendizagem que estimulem a reflexão crítica e a participação dos alunos como agentes sociais (Kleiman, 1995).

A formação de um sujeito letrado, nesse sentido, não se restringe ao desempenho escolar, mas inclui sua capacidade de agir, transformar e intervir na realidade em que vive. Isso só é possível por meio de uma educação que reconheça o letramento como prática social situada (Soares, 1998). Portanto, discutir as múltiplas dimensões do letramento é pensar em educação de forma ética, política e crítica. É afirmar que o direito à leitura e à escrita é, sobretudo, o direito à participação plena na vida social.

3 LETRAMENTO E A ESCOLA BÁSICA

A atuação docente na educação básica diante dos desafios do letramento exige não apenas domínio teórico, mas também sensibilidade para lidar com a diversidade sociocultural presente nas salas de aula. O professor deve ser agente de transformação e mediador entre os saberes escolares e os saberes cotidianos dos alunos (Kleiman, 1995).

Historicamente, a escola operou sob uma concepção homogeneizante do ensino da língua, ignorando os contextos e práticas de linguagem vivenciados fora do ambiente escolar. Essa visão tradicional desconsidera os múltiplos letramentos que os estudantes já possuem ao ingressar na escola (Soares, 1998).

Na perspectiva do letramento como prática social, o professor é convidado a repensar suas estratégias pedagógicas para incluir a vivência dos alunos no processo de ensino. Isso significa reconhecer os diferentes modos de ler e escrever que circulam em suas comunidades (Freire, 1987).

O trabalho com gêneros textuais, por exemplo, pode ser uma alternativa metodológica eficaz, desde que esses gêneros estejam conectados às práticas sociais dos estudantes. Nesse ponto, a

pedagogia do letramento amplia os horizontes do ensino da língua materna, tornando-o mais significativo (Kleiman, 1995).

Contudo, muitos docentes ainda enfrentam dificuldades para integrar as práticas cotidianas à sala de aula, seja por falta de formação específica, seja pela pressão por resultados imediatos impostos pelas avaliações externas (Soares, 1998).

É nesse cenário que a formação continuada do professor ganha relevância. Promover espaços de estudo e reflexão coletiva sobre letramento permite que o docente amplie sua compreensão e transforme sua prática em sala (Street, 2014). Outro ponto central é a escuta ativa das experiências dos alunos. Quando o professor valoriza essas vivências, ele estabelece vínculos mais fortes e favorece a construção de uma aprendizagem significativa e contextualizada (Freire, 1987).

A abordagem do letramento crítico na escola básica implica, portanto, numa pedagogia ativa, em que os estudantes são protagonistas de seu processo de aprendizagem, não meros receptores de conteúdos (Soares, 1998). Tal perspectiva requer a criação de ambientes alfabetizadores ricos, que estimulem o uso da linguagem em contextos reais e diversificados. A leitura, a escrita e a oralidade devem ser compreendidas como instrumentos de expressão, participação e empoderamento (Kleiman, 1995).

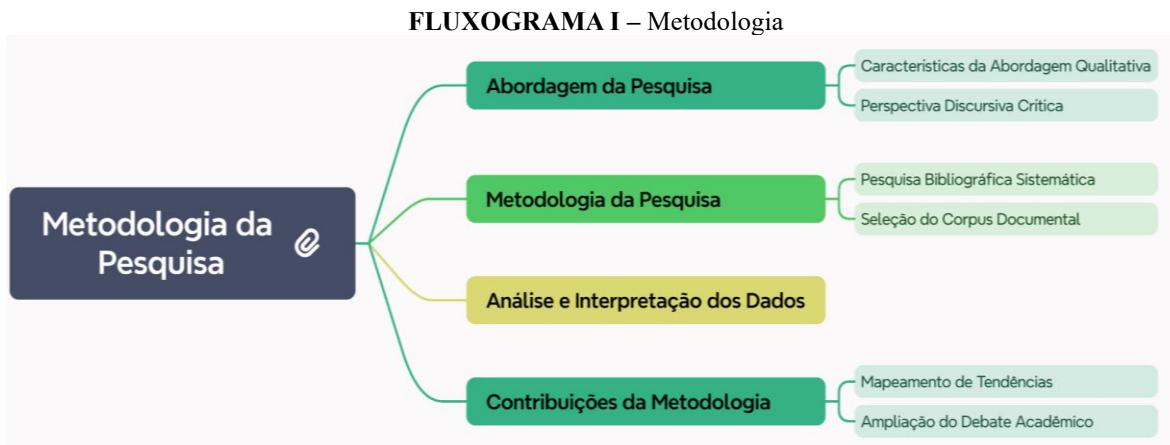
O professor que atua com essa concepção precisa ter clareza de que ensinar a ler e escrever é também ensinar a pensar criticamente. Por isso, o currículo deve ser aberto às múltiplas realidades sociais e culturais dos alunos (Street, 2014).

Assim, a escola básica tem a responsabilidade de formar sujeitos críticos e letrados, capazes de compreender e transformar o mundo em que vivem. Isso só é possível por meio de práticas pedagógicas que respeitem a diversidade e valorizem os diferentes saberes (Freire, 1987).

Portanto, o letramento na escola básica não é apenas uma habilidade escolar, mas um direito de cidadania. A construção de práticas de letramento comprometidas com a realidade dos alunos é uma tarefa urgente e indispensável para a educação de base.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa se ancora em uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com foco na análise e interpretação de produções acadêmicas que abordam o letramento na educação básica, especialmente a partir das práticas cotidianas e da atuação docente, tudo isso pode ser ilustrado no fluxograma I.



Fonte: Os autores (2025).

O referencial teórico-metodológico escolhido parte da concepção de linguagem como prática social, conforme proposto por Moita Lopes (2006), o que implica compreender os discursos não como estruturas fechadas, mas como formas de construção de sentidos situadas social, histórica e culturalmente.

Nesse sentido, o trabalho adota uma perspectiva discursiva crítica, que compreende a escola como um espaço de produção e circulação de sentidos, em que as práticas de linguagem estão permeadas por relações de poder, identidades sociais e ideologias. Tal concepção amplia a visão sobre o letramento, atribuindo-lhe um caráter político e socialmente situado, além de permitir uma leitura crítica das práticas educativas no contexto da educação básica.

A metodologia segue os princípios da pesquisa bibliográfica sistemática, conforme os procedimentos descritos por Tadiéff (2019). Essa abordagem envolve a seleção, análise e sistematização de produções acadêmicas com base em critérios previamente definidos, com o objetivo de construir um panorama crítico e aprofundado sobre o tema investigado. A pesquisa bibliográfica sistemática diferencia-se de uma revisão tradicional por seu caráter mais rigoroso, com critérios explícitos de inclusão e exclusão das fontes, o que garante maior confiabilidade à análise.

Para a constituição do corpus documental, foram selecionados artigos acadêmicos, capítulos de livros e dissertações que abordam o letramento em suas múltiplas dimensões, especialmente aqueles que dialogam com as práticas docentes e com a realidade da escola básica brasileira. Os critérios de inclusão envolveram a relevância temática, a atualidade das publicações (preferencialmente dos últimos 20 anos), a autoria reconhecida na área e a afinidade teórica com as perspectivas de Moita Lopes (2006), Magda Soares (1998), Brian Street (2014) e Ângela Kleiman (1995).

A busca foi realizada em bases como o SciELO, Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES e repositórios de universidades públicas, utilizando descritores como “letramento”, “educação

básica”, “práticas sociais de linguagem”, “letramento crítico” e “prática docente”. As obras foram organizadas em uma matriz analítica, que permitiu a categorização dos dados com base em eixos temáticos emergentes: concepções de letramento, mediação docente, práticas escolares, desafios socioculturais e implicações pedagógicas.

A análise dos dados seguiu os pressupostos da análise interpretativa de discurso, sustentada por Moita Lopes (2006), que propõe uma leitura crítica e contextualizada das produções discursivas. A interpretação buscou evidenciar as tensões, contradições e potências presentes nos textos analisados, considerando os contextos de produção e as posições ideológicas assumidas pelos autores.

Desse modo, esta metodologia permite não apenas o mapeamento de tendências teóricas e práticas no campo do letramento, mas também a construção de reflexões que contribuem para repensar a formação docente e o papel da escola na promoção de práticas de linguagem significativas e transformadoras. A articulação entre teoria e prática, presente nas leituras realizadas, possibilita compreender o letramento como um fenômeno dinâmico e atravessado pelas vivências do cotidiano escolar.

Por fim, a escolha metodológica pela pesquisa bibliográfica sistemática, aliada à perspectiva discursiva de análise, justifica-se pela intenção de construir um estudo aprofundado, crítico e reflexivo sobre as múltiplas dimensões do letramento na formação do sujeito, contribuindo para a ampliação do debate acadêmico e para a qualificação das práticas pedagógicas no contexto da educação básica.

5 RESULTADOS E ANÁLISE

A partir da pesquisa bibliográfica sistemática realizada com base nas obras de referência e textos selecionados, observou-se que o letramento na educação de base, especialmente quando analisado sob a ótica da linguagem como prática social (Moita Lopes, 2006), revela um campo fértil de possibilidades e desafios. O corpus bibliográfico investigado permitiu a identificação de categorias emergentes que se relacionam com as múltiplas dimensões do letramento e a prática docente. Essas categorias foram: (1) o letramento como prática social e crítica; (2) a mediação docente e a construção de sentidos; (3) os limites e possibilidades das práticas pedagógicas frente à diversidade sociocultural; e (4) o impacto das políticas públicas no cotidiano escolar.

Além disso, pontua-se que tais categorias possuem subtópicos que são ilustrados na Imagem I.

IMAGEM I – Mapa mental dos resultados



Fonte: Os autores (2025).

A primeira categoria, letramento como prática social e crítica, remete diretamente à concepção de que ler e escrever não são atos neutros, mas atravessados por valores, contextos e ideologias. Conforme destaca Street (1984), o letramento deve ser entendido não como um conjunto de habilidades autônomas, mas como prática social situada, que envolve usos específicos da linguagem em contextos socioculturais distintos. Essa perspectiva foi reafirmada por Soares (1998), ao distinguir alfabetização de letramento, indicando que este último está intimamente vinculado à função social da linguagem. Os textos analisados indicam que, embora essa concepção esteja presente nos documentos oficiais e em produções teóricas, ainda há um distanciamento entre o discurso e a prática docente cotidiana.

Na análise da segunda categoria, a mediação docente e a construção de sentidos, destacam-se as discussões de Freire (1987), que propõe o professor como um sujeito que, ao mesmo tempo em que ensina, aprende com os estudantes. A mediação não se restringe a uma simples transmissão de conteúdos, mas à construção conjunta de significados. Essa proposta aparece fortemente presente na análise do texto de Kleiman (1995), ao defender a importância de uma prática pedagógica que reconheça os alunos como sujeitos de saberes, portadores de experiências que devem ser valorizadas no espaço escolar. Essa compreensão de ensino e aprendizagem como práticas dialógicas e colaborativas está em consonância com Moita Lopes (2006), que propõe uma concepção de linguagem ancorada na produção de sentidos socialmente situados.

A terceira categoria identificada, limites e possibilidades das práticas pedagógicas frente à diversidade sociocultural, evidencia os tensionamentos enfrentados pelos professores da educação

básica. Ao analisar os dados extraídos de relatórios de programas de formação continuada, bem como artigos empíricos de revistas como “Grauzero” (Souza; Lima, 2021), nota-se que muitos docentes reconhecem a importância de articular os conteúdos escolares com os saberes cotidianos dos alunos, mas esbarram em limitações como a rigidez do currículo, a pressão por resultados em avaliações externas e a ausência de apoio institucional. Essas barreiras fragilizam a implementação de práticas de letramento crítico, como aquelas que propõem a análise de discursos midiáticos, a produção de textos argumentativos e a leitura de mundo dos alunos (Freire, 1987).

Já a quarta categoria, impacto das políticas públicas no cotidiano escolar, demonstrou que, embora as diretrizes curriculares nacionais (Brasil, 2017) apontem para uma educação inclusiva, crítica e contextualizada, o discurso oficial nem sempre se concretiza nas escolas.

A pesquisa identificou, por exemplo, que a formação inicial dos professores ainda carece de disciplinas que aprofundem os fundamentos do letramento como prática social. Além disso, poucos são os programas de formação continuada que propõem uma abordagem interdisciplinar do letramento, integrando linguagens verbais, visuais e digitais. Isso reforça o apontamento de Tadiéff (2019), ao sugerir que há um hiato entre a produção acadêmica e a efetiva aplicação de suas proposições no chão da escola.

Um dos principais achados da pesquisa está na constatação de que a concepção tradicional de letramento ainda predomina em muitas práticas pedagógicas, reduzindo-o à mera aquisição de habilidades técnicas. Essa perspectiva está fortemente ligada à avaliação quantitativa do desempenho dos alunos, muitas vezes desconsiderando as particularidades do contexto sociocultural e afetivo em que a aprendizagem ocorre. Conforme aponta Moita Lopes (2006), a linguagem deve ser pensada como prática social e, portanto, a avaliação da aprendizagem também deve levar em conta as interações sociais, as subjetividades e os discursos que circulam no espaço escolar.

Por outro lado, também foram encontrados indícios de resistência e inovação por parte de professores que, mesmo diante de um cenário adverso, têm buscado implementar práticas de letramento crítico, como projetos interdisciplinares, rodas de leitura dialógicas, produção de podcasts e trabalhos de campo voltados à leitura do território local. Tais práticas indicam uma tentativa de romper com a lógica bancária da educação (Freire, 1987), e constituem exemplos de que é possível construir uma educação voltada para a emancipação dos sujeitos.

Um ponto crítico que emergiu das análises foi a fragilidade da articulação entre escola e comunidade. Embora se reconheça a importância do contexto sociocultural dos alunos, muitas vezes as práticas escolares continuam desvinculadas das realidades locais. Isso sugere a necessidade de

repensar o currículo a partir de uma perspectiva que valorize os saberes populares e promova o diálogo entre culturas, como propõem as teorias do multiletramento (Cope; Kalantzi, 2000).

Em síntese, a análise dos resultados da pesquisa bibliográfica sistemática demonstra que, apesar dos avanços teóricos no campo dos estudos sobre letramento, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que essas concepções se materializem de forma efetiva na prática docente cotidiana. Isso requer não apenas mudanças nas políticas públicas educacionais, mas também a valorização do trabalho docente, o investimento em formação continuada e a promoção de uma cultura escolar democrática e dialógica.

A partir dessas análises, é possível inferir que o letramento na educação de base deve ser concebido como um processo plural, crítico e situado, que reconheça as múltiplas vozes que atravessam a escola e legitime a diversidade como um valor constitutivo da prática pedagógica. Essa compreensão contribui para a construção de uma escola mais inclusiva, sensível às diferenças e comprometida com a formação cidadã dos estudantes.

Por fim, os resultados obtidos reforçam a importância de seguir aprofundando os estudos na área, especialmente com investigações empíricas que dialoguem com a prática docente e com os sujeitos da escola pública. Além disso, destaca-se a relevância de ampliar o diálogo entre universidade e escola, a fim de garantir que os saberes produzidos no meio acadêmico possam efetivamente contribuir para a transformação das práticas pedagógicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa reafirma a centralidade do letramento na formação de sujeitos críticos, capazes de interagir de forma significativa com os múltiplos discursos que permeiam a vida em sociedade. Ao compreender o letramento como prática social, situada e ideologicamente marcada, o estudo evidencia que ensinar a ler e escrever vai muito além da simples decodificação de signos. Trata-se de uma prática formadora, que exige sensibilidade para acolher a diversidade cultural dos alunos e intencionalidade pedagógica para promover aprendizagens contextualizadas.

Os resultados revelaram que, embora os documentos oficiais e a produção teórica já reconheçam o letramento como um direito de cidadania, a prática docente ainda enfrenta inúmeros desafios para incorporar essa concepção. Fatores como currículos engessados, avaliações padronizadas e ausência de apoio institucional limitam a construção de práticas significativas e dialógicas. Nesse contexto, destaca-se a importância da formação continuada como espaço de escuta, reflexão e ressignificação da ação docente frente às complexidades do cotidiano escolar.

Também se evidenciou que há experiências potentes sendo desenvolvidas por professores que compreendem o papel transformador da escola e buscam romper com modelos tradicionais. Essas iniciativas apontam caminhos possíveis para uma pedagogia do letramento que valorize a escuta ativa, o protagonismo dos estudantes e a integração dos saberes escolares com as vivências socioculturais dos sujeitos. Projetos interdisciplinares, leitura do território, uso de mídias digitais e práticas colaborativas são estratégias que demonstram potencial para reinventar o espaço escolar.

Assim, é imprescindível fortalecer o diálogo entre teoria e prática, universidade e escola, política e pedagogia. A construção de um currículo mais flexível, que legitime os diferentes modos de ser, falar e escrever dos alunos, é condição essencial para garantir uma educação mais justa e democrática. O letramento, nessa perspectiva, configura-se como instrumento de participação social, emancipação e construção de identidades.

Conclui-se, portanto, que pensar o letramento na educação básica exige um olhar ético, crítico e comprometido com a realidade dos estudantes. Promover o letramento como direito implica assumir a escola como espaço de transformação, onde os sujeitos aprendem não apenas a ler e escrever, mas a ler o mundo e agir sobre ele. Que essa compreensão inspire novas práticas, pesquisas e políticas que efetivamente contribuam para a formação de sujeitos letrados, conscientes e atuantes na sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures. London: Routledge, 2000.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1987.

KLEIMAN, Ângela B. Os significados do letramento: uma perspectiva sociocultural. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da Silva. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da Silva. Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Rosilene Silva; LIMA, Maria Cristina dos Santos. Práticas de linguagem e letramento na escola pública: o cotidiano como espaço de formação. Grauzero, Salvador, v. 12, n. 1, p. 77–90, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/v12n1p77>. Acesso em: 16 abr. 2025.

STREET, Brian V. Literacy in theory and practice. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian V. Letramentos ideológicos e letramentos autônomos: modelos contrastantes de alfabetização. In: STREET, Brian V. Letramentos: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2014.

TADIÉFF, Eliseo Vérges. A pesquisa bibliográfica sistemática como método de investigação científica. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 6, n. 8, p. 1–14, 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/metodologia/pesquisa-bibliografica-sistematica>. Acesso em: 16 abr. 2025.

TADIÉFF, Eliseo Vérges. Metodologia da pesquisa bibliográfica: princípios e procedimentos. Curitiba: CRV, 2019.